

O afeto como razão e consequência das relações humanas

The affection as the reason and the consequence of the human relationships

Paulo Thomas Korte

Resumo: Este texto demonstra quatro tipos de afeto que influenciam as ações humanas: eros, filia, storgè e ágape. A história da humanidade é também a história destes quatro sentimentos. O amor erótico, o amor da amizade, o amor à família e o amor à tudo e a todos. Não há notícia de civilização humana que não tenha pautado sua vida em grande parte nestes sentimentos. A história da civilização é a história da família, e, portanto, representa o amor Eros e o amor storgè. A história das grandes revoluções é a história do amor ágape, mas também é a história do amor filia, ligado aos amigos, considerados como tal, seus compatriotas. O ser humano para decidir entre ficar com uma pessoa ou deixá-la, precisa conhecer exatamente qual o sentimento que o orienta. Com poucas palavras compreende-se pouco da alma, com muitas palavras compreende-se muito da alma. O universo é do tamanho de seu vocabulário.

Palavras-chave – amor – Eros – filia – storgè – ágape – família – relações humanas

Abstract: This text demonstrates four types of affection that influence the human actions: eros, filia, storgè and ágape. The history of humanity is also the history of these four feelings. The erotic love, the love of the friendship, the love of the family and the love of everything and everybody. There is not any notice of any human civilization that did not rule their life in the most of these feelings. The

history of the civilization is the history of the family, therefore represents the Eros love and the storgè love. The history of the big revolutions is the history of the ágape love but also the history of the filia love, connected to friends considered as their compatriots. The human being to decide to stay or not with someone, needs to know exactly what is the feeling that it is lead. Little of the soul is known by few words but lots of the soul is known by many words. The universe is the size of your vocabulary.

Keywords: Love – Eros – filia – storgè – agape - family- human relationships

O ser humano é um ser social. Por ter essa característica, é da sua essência ter vontade de estar junto de outro. E, essa vontade, pode ser expressa por meio do afeto. É o afeto ¹ que faz com que os seres humanos unam-se uns aos outros.

Esse afeto pode ser *utilitário* ou *verdadeiro*, segundo a definição aristotélica ², ou interessado e verdadeiro, segundo a definição platônica ³. O afeto utilitário (ou interessado) depende da condição da relação gerar prazer ou algum outro benefício, e portanto, a relação dura enquanto esse prazer ou benefício durar.

O afeto verdadeiro pode gerar – e acaba gerando – prazer e sendo útil, mas não é esse o seu fim. O seu fim reside nele mesmo. O ser humano carece de afeto. O afeto verdadeiro tem fim

¹ no sentido de amor, pois o afeto pode ter a acepção de tudo aquilo que afeta o ser humano, e portanto, tanto o amor, quanto o ódio, seriam afetos do seres humanos. Mas aqui, utilizaremos o afeto, apenas no sentido do amor.

² ARISTÓTELES, *op. cit.*

³ PLATÃO. *O banquete.*

na própria relação e independentemente de seus efeitos. A intenção é de estar junto e fazer o bem um para o outro, ainda que em determinadas épocas esse bem não apareça.

Se existem essas duas espécies de afeto, ou seja, verdadeiro e interessado, há 4 subespécies da primeira e quatro da segunda. São eles: *eros*, *filia*, *storgè* e *ágape*.

Eros é o amor romântico, erótico, o afeto entre duas pessoas apaixonadas; *filia*, é a amizade, aquele afeto que difere do *eros*, porquanto não há desejo sexual, sendo encontrado entre seres humanos que se querem bem independentemente de qualquer interesse; *storge* é o amor pela família, ou seja, aquele ligado aos laços sanguíneos; e o amor *agape*⁴ é o amor a tudo e a todos indistinta e incondicionalmente, é aquele amor que é verbo intransitivo, pois não há objeto de desejo ou de amor. Ama-se tudo e a todos, e, portanto a tudo se sente integrado. O ser fica em estado de amor, e não em amor com relação a algo ou a alguma pessoa. Por isso não se pode admitir um amor-*ágape* na espécie de amor interessado e, portanto é subespécie apenas da primeira, a espécie do amor verdadeiro.

Para uma correta descrição dos sentimentos da alma, é de fundamental importância a compreensão destas quatro espécies de amor, por conta de que “há uma relação entre a

⁴ O amor *ágape* tem aquelas propriedades expostas em Coríntios I; 13: “Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine./ E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria. / E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria./O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece./Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita não suspeita mal; / Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; / Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta./O amor nunca falha; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá; / Porque, em parte, conhecemos e em parte profetizamos;/ Mas quando vier o que é perfeito, então o que o é em parte será aniquilado./Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo eu cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino./Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido./Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, mas o maior destes é o amor.”

linguagem e as operações do espírito”⁵ de forma que a alma do ser humano cria um universo de palavras para se comunicar com ela mesma e com o outro. A linguagem representa uma realidade e conseqüentemente gera uma compreensão. Se a linguagem for pobre, a comunicação do ser humano consigo mesmo e com o outro também o será, e provavelmente refletirá uma realidade também pobre, ou até mesmo, falsa.

O que é verdadeiro para o amor, na conotação *filia*, pode ser falso em relação ao sentido de *ágape* ou *storgè*. Se uma pessoa diz que “*ama*” a outra, este sentimento pode ter diversas conotações (*eros*, *filia*, *storgè*, *ágape*), que não são contraditórias, nem necessariamente excludentes. Em suas introspecções o ser humano pode achar que não ama mais uma pessoa, porém, ele pode estar, com esta afirmação, representando para si uma realidade diferente da que poderia perceber se tivesse o conhecimento dos outros significados da palavra “*amor*”. Isto porque, poderá de fato ter deixado de sentir um determinado tipo de amor, e talvez apenas por um tempo, mas não necessariamente todos eles. Enfim, com a compreensão destas 4 (quatro) palavras gregas para a definição de diferentes espécies de amor, a alma tem mais elementos para classificar e identificar seus afetos, e com isso tem uma compreensão melhor de uma possível realidade percebida.

Importante definir também, que há ainda subespécies do amor à família (*storge*): o amor de mãe, o amor de pai, o amor de filho, amor fraterno/conjugal. O amor de mãe é aquele que “*cuida, que nutre que fertiliza*”⁶; o amor de pai é aquele “*que dá e recebe os limites, ele ensina e aprende o certo e o errado, o pode-não pode, o sim bem separado do não, a lei, a ordem do pai*”⁷; o amor de filho é aquele que “*busca a conquista do amor parental*”⁸, ou seja, aquele que

⁵ NEF, Frédéric. *A linguagem: uma abordagem filosófica*, p. 8.

⁶ Iraci Gálicas, *Do amor na saúde à saúde do amor*, p. 107-118.

⁷ *Ibid.*

⁸ *Ibid.*

incessantemente deseja ser reconhecido e premiado pelos pais. Esses três amores têm a característica de serem amores em uma escala vertical, pois se pressupõe uma hierarquia entre as pessoas que os vivem; já o amor fraterno/conjugal é aquela “*forma de amor constatada entre o eu e o outro em que a busca é da simetria, da dialética, do igual e do diferente, do eu concorda e do eu discorda, porém simetricamente. Ambos, eu e outro, são “do mesmo tamanho”, equivalentes em suas diferenças e semelhanças.*”⁹

Na relação matrimonial podem existir todos esses amores, amor de pai, amor de mãe, amor de filho, amor fraterno/conjugal (que seria o *filia* com laços sanguíneos, na relação fraternal, ou apenas laços matrimoniais na relação conjugal), na medida em que tais amores estão ligados aos papéis que são exercidos na alma do ser humano e não necessariamente coincidem com os papéis biológicos. Ou seja, a esposa pode fazer o papel da mãe, em um determinado momento, de pai em outro, de irmã, de amiga, além do de fêmea. Da mesma forma, o marido pode exercer esses papéis, de pai, de mãe, de irmão, de amigo, além do de macho. E essa compreensão é de fato muito relevante para o estudo da complexidade dos afetos que podem permear a relação matrimonial.

Ademais, o segundo mandamento dos dez de Moisés, segundo o qual, devemos *amar o próximo como a nós mesmos*, consiste, de acordo com Freud, um dos preceitos fundamentais da vida civilizada, porque sem este preceito, a vida civilizada seria insuportável¹⁰. Por outro lado, acrescenta Bauman¹¹, “*é também o que mais contraria o tipo de razão que a civilização promove: a razão do interesse próprio e da busca da felicidade*”.

⁹ *Ibid.*

¹⁰ Sigmund Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*.

¹¹ BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido – Sobre a fragilidade dos laços humanos, p. 97.

Ocorre que, de acordo com Michel Foucault não é uma tarefa fácil definir o que seria amar a si mesmo - que estaria implícita no “*cuidar de si mesmo*” (*epiméleia heautoû*) - na medida em que tal conhecimento demandaria um outro, que seria o de “*conhecer a si mesmo*”(gnôthi seatón). Da mesma forma, o cuidar do outro – amar ao outro - demanda o conhecimento do outro. E aqui reside um grande problema: o ser humano está em constante movimento.

Quando um ser ama o outro ser, ele está diante de um ser que não será o ser do momento imediatamente posterior. Aquele ser humano amado não é um objeto inanimado, imóvel, constante. É um ser animado, em transformação, inconstante, tanto no seu aspecto material (do corpo), quanto no aspecto imaterial (da alma), e a cada momento adquire uma nova realidade.

Por conta disso, o amor *eros* que ligou inicialmente os dois jovens apaixonados, pode não se manter na mesma intensidade ou qualidade, e nem por isso, deixa de ser amor. O amor-*eros*, pode se transformar em amor-*storge*, o afeto à família, ou ainda em *filia* (*a amizade*), ou até mesmo *Ágape*., e assim, sucessiva ou inversamente.

Para Schopenhauer¹², “*contentarmo-nos com a felicidade, o bem-estar e o prazer de um outro, mas isto é secundário e mediado pelo fato de que, antes, seu sofrer e sua carência nos perturbaram.*” E, em razão desta perturbação, ou simplesmente, da possibilidade dela ocorrer é que agimos ou não de acordo com a mais natural e pura moral. Para ele ¹³ é a compaixão que nos move para promover a ação moral, estamos,

¹² *Sobre o fundamento da moral*, p.12

¹³ *Ibid.*

“todos inclinados para a injustiça e a violência, porque nossa necessidade, nossos apetites, nossa ira e nosso ódio aparecem imediatamente na consciência e têm por isso o “ius primi occupantis” [o direito do primeiro possuidor]. Em contrapartida, os sofrimentos alheios que causam nossa injustiça e violência chegam à consciência só através do caminho secundário da representação e só através da experiência, mediadamente, portanto. Por isso diz Sêneca: “Ad neminem ante bona mens venit quam mala” [A ninguém vem antes a boa mente, mas sim a má] (Epistulae, 50). O primeiro grau do efeito da compaixão é o fato de que ela se opõe ao sofrimento que eu próprio posso causar aos outros, por inibir as potências antimorais que habitam em mim. Ela me grita “pare!” e se coloca como arma defensiva diante do outro, protegendo-o da ofensa a que, não fora isso, meu egoísmo ou minha maldade me teriam impelido. Desta forma, deste primeiro grau da compaixão surge a máxima “neminem laede”, isto é, o princípio da justiça, virtude que só aqui e em mais nenhum outro lugar tem sua origem mais pura, meramente moral e livre de qualquer mistura, pois, do contrário, teria de repousar no egoísmo.”

Será essa compaixão, para ele, que

“me deterá onde e quanto eu possa empregar o sofrimento alheio para alcançar meus fins; tanto faz que este sofrimento sobrevenha instantaneamente ou um pouco mais tarde, direta ou indiretamente, agredirei tão pouco a propriedade, seja espiritual, seja corporal, e portanto não me absterei apenas

*de toda ofensa física, mas também de, por via espiritual, causar-lhe dor, através da humilhação, inquietação, desgosto ou calúnia.”*¹⁴.

Do que foi dito, decorre a importância substancial do afeto nas relações humanas, pois é ele que dá causa, que remedia e a finalidade das relações matrimoniais, e por consequência, das relações familiares. A conduta moral de um indivíduo dentro destas relações só terá válido fundamento se decorrer do afeto, e portanto, será este sentimento primordial que dará ao ser humano a qualidade necessária do convívio familiar.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10 ed. Trad. Roberto Raposo, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa, São Paulo: Perspectiva, 2005.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. e notas Edson Bini, Bauru: Edipro, 2002.

_____. **Política**. Coleção “Os Pensadores”, Trad. Therezinha Monteiro Deutsch e Baby Abrão, São Paulo: Nova Cultural, 1999.

¹⁴ *Ibid.*, 209

ARMSTRONG, Karen. **Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo**. Trad. Marcos Santarrita, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BELLO, Angela Ales. **Culturas e religiões – uma leitura fenomenológica**. 2 ed. Trad. Antonio Angonese, São Paulo: Edusc, 1998

BERGEL, Jean-Louis. **Teoria geral do direito**. 2 ed., Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão, São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERGSON, Henri. **Memória e vida**. Trad. Claudia Berliner; rev. téc./trad. Bento Prado Neto, São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **O pensamento e o movente: ensaios e conferências**. Trad. Bento Prado Neto, São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BÍBLIA SAGRADA. Contendo o Antigo e Novo Testamento, Traduzido em português por JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA, Ed. revista e corrigida na grafia simplificada. 83ª Edição. – Imprensa Bíblica Brasileira – Rio de Janeiro – RJ – Brasil – 1995;

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas – Ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix-Amana Key, 2002.

CAMPBELL, Joseph. **Tu és isso: transformando a metáfora religiosa**. Trad. Marcos Malvezzi Leal, São Paulo: Madras, 2003.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 4 ed. rev. e atual., São Paulo: Ed. Gente, 2004.

COMPARATO, Fábio Konder. **Ética: direito, moral e religião no mundo moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. Trad. Eduardo Brandão, São Paulo: Martins Fontes, 1995.

DALAI LAMA XIV. **A arte da felicidade: um manual para a vida**. Trad. Waldéa Barcellos, São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano – A essência das religiões**. Trad. Rogério Fernandes, São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Trad. Ruth M. Klaus, São Paulo: Centauro, 2002.

FERRY, Luc. **O Homem-Deus ou O Sentido da Vida**. 3 ed., Trad. Jorge Bastos, Rio de Janeiro: Difel, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 2 ed., Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail, São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Microfísica do poder**. Org. e Trad. Roberto Machado, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. 2 ed., Org. Manoel Barros da Motta, Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhete, Petrópolis: Vozes, 1987.

GÁLIAS, Iraci. Do amor na saúde à saúde do amor. **REVISTA JUNGUIANA** [Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica]. São Paulo: SBPA, v. 23, p. 107-118.

GUERRA FILHO, Willis Santiago. **Para uma Filosofia da Filosofia (conceitos de filosofia)**. 2 ed., Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1999.

HAWKING, Stephen. **Uma nova história do tempo**. Trad. Vera de Paula Assis, Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

HÉBER-SUFFRIN, Pierre. **O “Zaratustra” de Nietzsche**. Trad. Lucy Magalhães, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Trad. Paulo Meneses, 4 ed., Petrópolis-Bragança Paulista: Vozes-Editora Universitária São Francisco, 2007.

HEIDEGGER, Martin. O que é a metafísica?. Trad. Ernildo Stein, 10 ed., São Paulo: Ed. Nova Cultural, ANO?

HERVADA, Javier. **Crítica Introdutória ao Direito Natural**. Trad. Joana Ferreira da Silva, Porto (Portugal): Rés Editora, 1990,

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. 2 ed., Org. Richard Tuck, Trad. João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva, São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HYPOLITE, Jean. **Gênese e estrutura da fenomenologia do espírito de Hegel**. 2 ed., Trad. Sílvio Rosa Filho, 2 ed., São Paulo: Discurso Editorial, 2003.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus símbolos**. 19 ed., Trad. Maria Lucia Pinho, Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, ANO

KANT, Immanuel. **A paz perpétua e outros opúsculos**. Trad. Artur Morão, Lisboa: Edições 70, 2004.

KUNZMANN, Peter, BURKARD, Franz-Peter, e WIEDEMANN, Franz. **Atlas de la Philosophie**. Trad. francesa Zoé Housez e Stéphane Robillard, Paris: La Pochothèque, 1999.

LACAN, Jacques. **O triunfo da religião**. Trad. André Telles, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LELOUP, Jean-Yves. **Jesus e Maria Madalena: para os puros, tudo é puro**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira, Petrópolis: Vozes, 2007.

MONDIN, Battista. **Definição filosófica da pessoa humana**. Trad. Jacinta Turolo Garcia, Bauru: EDUSC, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A origem da tragédia**. Trad. Joaquim José de Faria, São Paulo: Centauro, 2004.

_____. **A vontade de poder**. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes, Francisco José Dias de Moraes, Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

_____. **Além do bem e do mal**. Trad. Lilian Salles Kump, São Paulo: Centauro, 2006.

_____. **Assim falava Zaratustra – Um livro para todos e para ninguém**. 2 ed., Trad. Mario Ferreira dos Santos, Petrópolis: Vozes, 2007

_____. **Ecce homo: de como a gente se torna o que a gente é**. Org. Trad. Marcelo Backes, Porto Alegre: L&PM, 2003.

_____. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Trad. Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PLATÃO. **A república: [ou sobre a justiça, diálogo político]**. Trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado, São Paulo: Martins Fontes, 2006.

REVISTA JUNGUIANA [Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica]. São Paulo: SBPA, n. 1, 1983.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Confissões**. Trad. Raquel de Queiroz (livros I a X) e José Benedicto Pinto (livros XI e XII), Bauru: Edipro, 2008.

RUSSELL, Bertrand. **A conquista da felicidade**. Trad. Luiz Guerra, Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Coleção "Os pensadores". Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina, São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. **Mestre**. 3 ed. Trad. Antônio Soares Pinheiro, São Paulo: Landy Editora, 2006.

_____. **Sobre a Potencialidade da Alma – De quantitate animae**. 2 ed., Petrópolis: Editora Vozes, ANO?.

SARTRE, Jean-Paul. **Esboço para uma teoria das emoções**. Trad. Paulo Neves, Porto Alegre: L&PM, 2007.

_____. **O ser e o nada – Ensaio de ontologia fenomenológica**. 16 ed. Trad. Paulo Perdigão, Petrópolis: Vozes, 2008.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre o fundamento da moral**. 2 ed., Trad. Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola, São Paulo: Martins Fontes, 2001.